

EDITORIAL

Neste número 38 do **Boletim do Ceib** apresentamos um artigo de Attilio Colnago Filho, Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), especialista em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e sócio do Ceib, sobre os estudos e a restauração da antiga imagem de Nossa Senhora da Penha, do convento da Penha, em Vila Velha, no Espírito Santo.

Apresentamos, também, um pequeno relato do V Congresso do Ceib, realizado em Vitória, no Espírito Santo, de 24 a 27 de outubro passado, no qual contamos com 133 inscritos e a brilhante participação dos conferencistas convidados: Dr. Jesús Miguel Palomero Páramo, catedrático do Departamento de Historia del Arte da Facultad de Geografía y Historia, da Universidad de Sevilla, na Espanha; Dra. Maria del Consuelo Maquivar, pesquisadora da Dirección de Estudios Históricos del Instituto Nacional de Antropología e Historia e do Departamento de Historia, da Facultad de Filosofía y Letras, do México; Dra. Patricia Fogelman, pesquisadora do Instituto de História Argentina y Americana, da Universidad de Buenos Aires, na Argentina e Dra. Maria Helena Ochi Flexor, professora emérita da Universidade Federal da Bahia e, atualmente, professora da Universidade Católica de Salvador, Bahia.

O Ceib agradece à Reitoria da Universidade Federal do Espírito Santo, à Universidade Federal de Minas Gerais, através do Centro de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes (Cecor) o apoio recebido e, especialmente, à dedicada equipe de profissionais e voluntários do Núcleo de Conservação e Restauração (NCR), do Grupo de Pesquisa em Imagens Cristãs (GPIC), e do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA) da Universidade do Espírito Santo, pelo excelente trabalho realizado nesse primeiro congresso do Ceib realizado fora do estado de Minas Gerais.

SENHORA DA PENHA SÍMBOLO DE FÉ NO ESPÍRITO SANTO

Attilio Colnago Filho*

Foto: Attilio Colnago



Figura 1 - Convento da Penha, Vila Velha, Espírito Santo

O Convento da Penha, situado em uma elevação rochosa a beira-mar no município de Vila Velha, no Espírito Santo (FIG. 1), é administrado por frades franciscanos e abriga uma imagem de Nossa Senhora da Penha, que é o maior símbolo da fé cristã do estado. O convento teve sua construção iniciada em 1556, por Frei Pedro Palácios, primeiro frade franciscano de origem espanhola, a aportar no Espírito Santo, na Capitania de Vasco Fernandes Coutinho, trazendo em sua bagagem uma pintura a óleo representando Nossa Senhora das Alegrias, exposta hoje na lateral direita da nave.

A chegada do culto a Nossa Senhora da Penha ao Brasil se dá ainda antes do mesmo chegar a Portugal, quando,

em 1570, é terminada a construção do santuário em sua homenagem. A partir daí, cada segunda-feira, depois do segundo domingo de Páscoa, uma grande festa ocorre todos os anos. Esse dia foi escolhido pelo referido frade porque era, naquele tempo, o dia consagrado à devoção de Nossa Senhora das Alegrias, tendo passado a ser o da festa de Nossa Senhora da Penha. Para esta festa, em grande júbilo, acorrem milhares de romeiros dos municípios próximos ao convento, bem como do interior e de outros estados, para homenagear e agradecer as graças recebidas.

Há referências de que, desde 1621, já existiam casas para abrigar os romeiros que necessitavam de local para repousar após longas jornadas, mas

Foto: Convento da Penha



Figura 2 - Nossa Senhora da Penha
Convento da Penha
Vila Velha - ES, após a restauração

enterradas em local sagrado, no recinto das igrejas. Entre as raras imagens quinhentistas que se conservaram, a mais famosa talvez seja a Nossa Senhora das Maravilhas, doada por dom João II à recém-fundada cidade de Salvador pelos idos de 1550... e encontra-se atualmente exposta no Museu de Arte Sacra, juntamente com uma Nossa Senhora de Guadalupe um pouco mais tardia... Também de grande renome foi a Nossa Senhora da Penha do Santuário de Vitória do Espírito Santo, trazida de Lisboa em 1558 (...)

Para que se possa enfocar o que representa hoje o culto dedicado a Nossa Senhora da Penha, faz-se necessário retroceder na história dos povos cristãos e mergulhar nas várias lendas e formas como esses cultos foram sendo urdidos e se transformando, à medida que suas invocações foram transladadas de uma parte a outra do mesmo país e, principalmente, quanto mais deles se afastavam, assumindo novas gestualidades, incorporando a cor local e alterando, na maioria das vezes, sua iconografia original, para assim acomodar-se de forma mais suave ao imaginário e aos corações dos novos fiéis.

Os locais onde, por tradição, vamos encontrar as edificações dedicadas a Nossa Senhora da Penha são sempre elevações rochosas, e estão ligados diretamente à origem de seu culto. Tem início com o advento do cristianismo nas montanhas de Puy-en-Velay, na região de Corneille, na França, onde, em tempos remotos, os gauleses veneravam uma pedra. Com o advento do cristianismo, o local desse culto foi apropriado e transformado em um culto à Virgem que teria ali aparecido promovendo milagres. Com a construção de um santuário nesse local, inicia-se o culto da *Notre Dame de France*, e se torna um dos maiores centros de peregrinação da Europa.

Foto: www.dominicos.org/pdefrancia



Figura 3 - Nuestra Señora de la Peña
de Francia - Sierra de Francia
Provincia de Salamanca, Espanha

Da França, esse culto foi levado para a Espanha, em 1434, pelos franceses, aliados dos espanhóis no combate aos muçulmanos. Seu início se dá com a construção de um santuário em uma serra conhecida como *Peña de Francia* (FIG. 3). Esse santuário tornou-se também um grande centro de peregrinação religiosa.

Em Portugal, o culto a Nossa Senhora da Penha foi introduzido no ano de 1578, pelo entalhador Antônio Simões, que sobreviveu à batalha de Alcácer-Kibir, na África, acreditando ter escapado por intercessão da Virgem Maria. De volta a Portugal, Simões esculpe nove imagens, sendo uma delas dedicada à invocação de Nossa Senhora da Penha de França, que foi colocada em uma capela, sendo transformada, posteriormente, no Santuário do Monte Cabeça de Alperche, em Lisboa, tornando-se como os demais, centros de romarias e peregrinações.

É importante ressaltar que, a partir de Portugal, muda consi-

o auge das festividades aconteceram a partir do século XIX.

Em 2002, a imagem de Nossa Senhora da Penha, orago do referido santuário (FIG. 2), medindo 76x30x29,5 cm e o Menino 26x13x8 cm, necessitava de cuidados específicos para garantir a sua sobrevivência material, visto que apresentava problemas, tanto em sua leitura como em sua estrutura. Esses cuidados se justificavam tanto pela importância religiosa da peça, já que se trata do maior símbolo de fé cristã desse estado, quanto por sua importância histórica, pois estaríamos intervindo em um dos poucos exemplares de escultura quinhentista do Brasil. Segundo OLIVEIRA¹, no artigo *A imagem Religiosa no Brasil*,

(...) do primeiro século pouca coisa se conservou, em função do estágio ainda incipiente do povoamento quanto pelas reposições posteriores de imagens mais antigas, danificadas pelo tempo e pelo manuseio devocional, que a tradição do culto católico determinava fossem

Foto: Atílio Colnago



Figura 4 - Nossa Senhora da Penha
Paróquia de Alegre - Espírito Santo

deravelmente sua iconografia: a Virgem Maria, tradicionalmente de pé com o Menino apoiado em seu braço esquerdo, ganha o acréscimo de uma montanha de pedra onde se apóia e a seus pés pode ser representada a figura de um penitente, de um lagarto ou ainda, de uma serpente, baseada em um milagre onde um peregrino é salvo antes de ser picado por uma serpente. Este é o caso da Nossa Senhora da Penha da cidade de Alegre, também no Espírito Santo (FIG. 4).

Como já dissemos anteriormente, a chegada do culto a Nossa Senhora da Penha no Brasil se dá antes de chegar a Portugal. Em ordem cronológica, seria o terceiro santuário a ser construído em sua homenagem, em 1558.

O início da construção do santuário do Espírito Santo se dá em 1556, quando Frei Pedro Palácios encomenda de Portugal uma *imagem de vulto* para o seu altar, que chega em terras capixabas em 1570. Existem duas versões sobre a estrutura original

desta peça: uma, que teria vindo completa e outra, que teriam chegado somente a cabeça, com pescoço e colo, os braços articulados e as mãos, além do Menino Jesus em talha completa. Segundo Novacs,² o próprio Frei se encarrega de complementá-la como *imagem de roca*, para posteriormente ser vestida e coroada, chegando à sua forma final que reproduzia, com minúcias, a imagem descoberta na Penha da França. Esse fato pode nos fornecer alguns indícios do porquê da forma arcaizante presente em seu entalhe, em contraponto com o avanço da arte religiosa desenvolvida na Europa quando de sua confecção. De acordo com as referências, a imagem encontrada nas montanhas espanholas, em 1434, pelo frade franciscano Simon Vela, tinha sido escondida já há mais de duzentos anos, portanto em torno de 1200. Se a imagem que veio para o Brasil fosse talhada à semelhança da Penha de França, com certeza deveria conter formas características do período românico.

INTERVENÇÕES NA IMAGEM

Em 1653, quando os holandeses estabeleceram no norte do país investiram contra o Espírito Santo, saquearam também o Convento da Penha, levando entre outras coisas a coroa, o manto da Virgem e ainda a imagem do Menino Jesus. Esse foi um grande dano sofrido pela imagem.

Não se tem nada documentado do que aconteceu nos séculos seguintes. O que consta no Livro de Crônicas do Convento da Penha diz respeito a períodos mais recentes, porém significativos quanto às alterações ocorridas na imagem. Nele, podemos ler que “[...] já houvera passado por uma desastrosa reforma, nada mais restando da primitiva senão os braços, mãos e a cabeça [...]”³. Após esta “reforma” seu estado de conservação estava assim descrito: áreas atacadas por cupins, preenchidas por um pó branco e recobertas por cera virgem; o dedo da mão direita estava solto; parte inferior da túnica tinha

Foto: Atílio Colnago

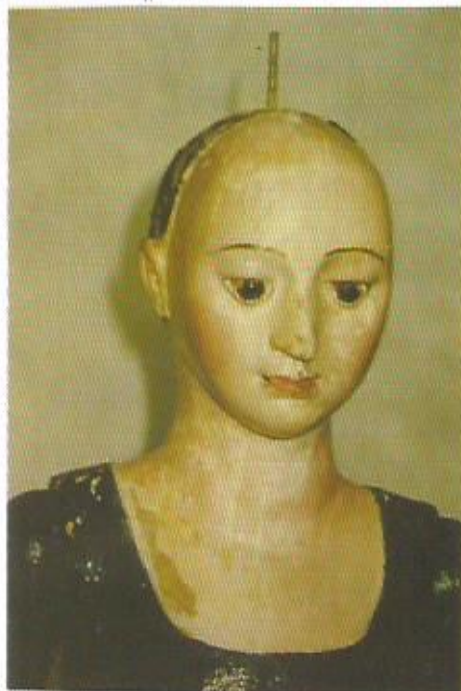


Figura 5 - Cabeça - Após a remoção
das repinturas

entalhe de pouca qualidade e os braços móveis, soltos e envoltos em tecidos grosseiros.

No mesmo livro, consta que, em 1951, foi realizada uma intervenção, em dois dias, pelo escultor Giovanni Tomaselli, sem referências sobre o local em que foi realizada. São relatados os trabalhos por ele realizados: substituição da estrutura do corpo por outra que sugeria pregas de tecido ainda mais toscas; substituição dos braços articulados por outros sem movimentação e fixados na altura dos ombros; fixação do dedo mínimo da Madona e ainda perfuração de sua mão esquerda para fixação do Menino, para o qual foram confeccionados dois dedos, um para a mão direita e outro para o pé esquerdo. Foram ainda realizados retoques na carnção das duas figuras e ainda adaptação de parafusos para a fixação com mais segurança das coroas nas respectivas cabeças.

No ano de 1966 a imagem foi levada ao Rio de Janeiro para acertos, realizados pelo artista João Brand e sua esposa, “que [...] colocaram novos olhos e restauraram certas partes arruinadas [...]”⁴.

Fotos: Atílio Colnago

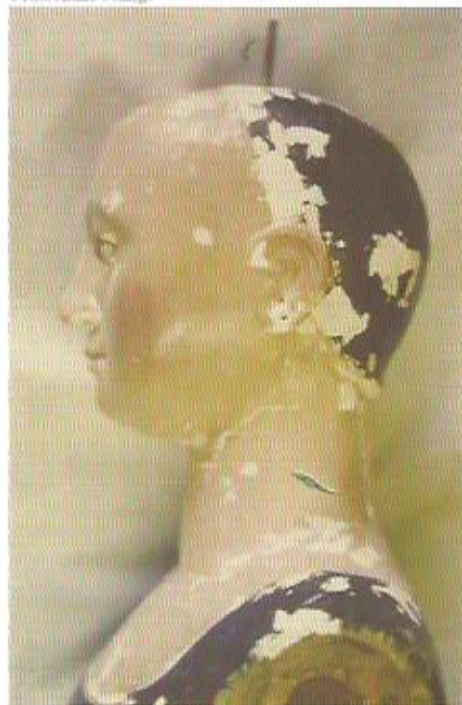


Figura 6 - Aplicação de preparação para nivelar as lacunas

Nos meses de outubro e novembro de 2002 foi realizada uma nova intervenção na imagem por equipe do Núcleo de Conservação e Restauração (NCR) do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, composta por Claudia Kátia Silva, Ivone Cecília Droeber Basílio, Raquel Ramos Pimentel e Atílio Colnago, coordenador da restauração. O trabalho foi executado nas dependências do próprio convento, onde foi instalado um ateliê.

Por se tratar do maior ícone de veneração desse estado, e por ser uma imagem de vestir, foi exigido que a realização do trabalho fosse executada a portas fechadas para não expor aos fiéis a imagem, despida de sua sacralidade. A Madona e padroeira não deveria ser vista em um momento de fragilidade em sua matéria, recolhendo humildemente sua divindade para permitir que pudesse ser trabalhada por mãos humanas. O fato de estar com portas fechadas, com certeza evitaria o constrangimento do encontro dos fiéis com a imagem sem cabelos, roupas e adereços, podendo esse ato ser considerado um desrespeito ou profanação à sagrada imagem.

Seu estado de conservação naquele momento apresentava problemas visíveis que prejudicavam sua leitura, além de outros em sua estrutura. O rosto e as mãos da Madona apresentavam repinturas grosseiras, por vezes aplicadas sem o nivelamento necessário, causando desníveis em sua topografia. Havia acúmulo de sujidades que, juntamente com o verniz em processo avançado de oxidação, formavam manchas escuras nas partes mais expostas à luz.

Apresentava ainda craquelês e desprendimento de policromia nas áreas do rosto, pescoço e parte do tronco, mas seu problema maior estava localizado na parte superior da cabeça, devido ao grande número de galerias causadas por insetos. Os térmitas já tinham sido eliminados em uma intervenção anterior, só que as galerias não tinham sido preenchidas, deixando essa área muito fragilizada. Tinham sido cobertas com cera, com textura irregular e com aspecto desagradável.

Não havia problemas na estrutura do corpo nem nos braços, pois são recentes (1951), e esculpidos de forma muito rústica. Os braços não eram mais articulados e estavam fixados por grandes parafusos na altura dos ombros. As mãos eram muito grandes, desproporcionais para a figura, provavelmente para que tivessem maior presença quando a imagem apresenta-se totalmente vestida.

O Menino Jesus, *imagem articulada* na altura dos ombros, estava com excesso de sujidades, com a policromia do rosto comprometida, com craquelês e pequenas perdas. Seu maior problema localizava-se nas áreas das articulações dos braços que estavam quebradas, provavelmente por manuseio. Havia sido indevidamente fixadas por pregos, comprometendo ainda mais esses locais. Segundo consta, ele é bem mais recente. O original foi levado pelos holandeses ainda no século XVII. Uma foto que aparece no livro de NOVAES (1958,

Fotos: Atílio Colnago

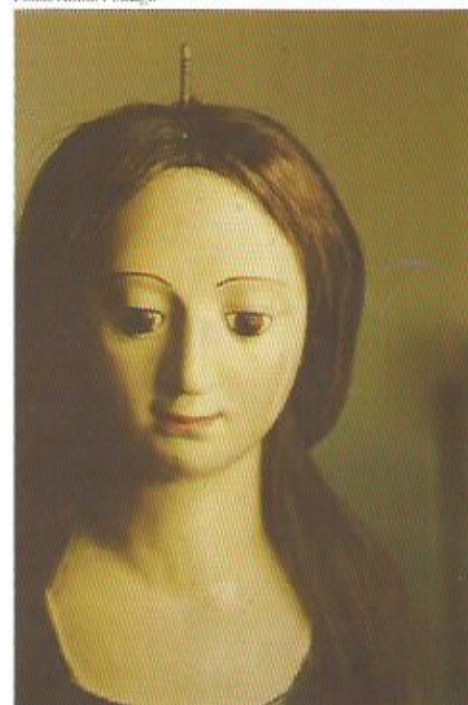


Figura 7 - Cabeça, após restauro, com peruca

p.44)⁵ com sua forma mais rígida e o rosto voltado para frente é mais condizente com a Madona. O atual apresenta fatura escultórica de boa qualidade, gestualidade e movimentação no corpo totalmente barrocas, que dificultam sobremaneira sua fixação sobre a mão da mesma.

A restauração da imagem constou de limpeza, remoção da repintura e de reintegrações inadequadas (FIG. 5) nas áreas da carnação e dos olhos; refixação de policromia com cola à base de cartilagem; remoção da cera-resina da cabeça e tratamento preventivo contra insetos.

Para estudos mais eficazes de sua estrutura interna, quanto às galerias e método de fixação de suas partes, foi realizada uma série de radiografias. Só então pudemos avaliar a extensão real dos danos. As galerias foram então consolidadas com resina acrílica Paraloid B72 (10% em Xileno) para enrijecimento de suas paredes e preenchidas com micro-esferas de vidro e Paraloid B72 (diluído em Álcool e Acetona 1:1).

Fotos: Atílio Colnago



Figuras 8 e 9 - Nossa Senhora da Penha após o restauro ainda sem as vestes

Com a execução da limpeza constatamos que os olhos eram formados somente por uma fina lâmina de vidro fixada sobre uma massa de forma arredondada. As lâminas estavam quebradas, com perdas de várias partes e, para nossa surpresa, eram ainda totalmente diferentes quanto à forma e a cor. O olho direito tinha íris de um marrom muito escuro e o olho esquerdo com íris de um marrom avermelhado e com diâmetro muito menor que do outro olho, provavelmente frutos de uma restauração anterior. Foi realizado nivelamento das áreas faltantes, uma adequação pictórica quanto a cor e o formato, para harmonizar o olhar. Por fim, sobre eles foi aplicado um verniz acrílico com brilho intenso para conseguir o aspecto vítreo (FIG. 6, 7, 8 e 9).

No Menino Jesus foram realizados os mesmos procedimentos quanto à limpeza e refixação de policromia, refixação das partes quebradas e reconstrução das partes perdidas nas articulações (FIG. 10).

O tratamento final para ambas as peças diz respeito ao nivelamento das áreas de perdas de preparação e policromia, reintegração pictórica ilusionista e aplicação de camada de proteção.

Esperamos ter cumprido nossa missão, contribuindo para a implantação no estado de uma política para a conservação de nossos bens culturais, ao devolver a estabilidade e a leitura de uma peça tão significativa para a religiosidade local. Esperamos que com a candura de seu olhar, agora mais adequado em sua forma, possa continuar a consolar tantos corações doloridos ou a docemente afagar aqueles que no momento estão longe das dores, mas que a ela acorrem, de perto ou do mais afastado rincão, para lhe homenagear ou agradecer as graças recebidas.

Referências Bibliográficas

¹ OLIVEIRA, Myriam Ribeiro de. A imagem religiosa no Brasil. In: *Mostra do*

Foto: Atílio Colnago



Figura 10 - Menino Jesus sem as vestes, articulação no ombro

redescobrimto - Arte Barroca. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

² NOVAES, Maria Stella de. *O relicário de um povo: o santuário de Nossa Senhora da Penha*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Vitória, ES. 1958.

³ Livro de Crônicas do Convento da Penha.

⁴ Idem, ibidem

⁴ NOVAES, Maria Stella de. 1958.

* **Atílio Colnago Filho** é Professor do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, especialista em Conservação e Restauração Ccor/EBA/UFMG e coordenador do NCR.

Foto: Natividade - Josefa de Óbidos



O Centro de Estudos da Imaginária Brasileira deseja a cada um dos seus associados e a todos os amigos e colaboradores um feliz Natal e um ano novo pleno de alegrias e realizações.

Foto: Maria Regina Emery



V CONGRESSO DO CEIB

O V Congresso do Ceib realizou-se no Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, na cidade de Vitória, de 24 a 27 de outubro de 2007. Pela primeira vez, a diretoria do Ceib teve a organização do congresso dividida com outros associados, o que foi plenamente positivo.

À sessão de abertura compareceram: Dra. Tereza Carolina Frota de Abreu, superintendente do Iphan no Espírito Santo; Dr. José Aparecido Cirilo, diretor do Centro de Artes e representante do reitor da UFES; Prof. Dr. Rubens Rasselli; Prof. Atílio Colnago Filho, diretor do Núcleo de Conservação e Restauração; Profa. Dra. Maria Cristina Correia Leandro Pereira, Coordenadora local do Congresso e Profa. Beatriz Coelho, presidente do Ceib.

Inscreveram-se 133 pessoas entre associados do Ceib, profissionais e estudantes. Como referido no editorial, o congresso contou com a participação de renomados pesquisadores, da Espanha, México, Argentina e Brasil, que pronunciaram brilhantes conferências. Além das conferências, foram apresentadas 30 comunicações de muito bom nível, abordando os diversos aspectos da imaginária: história, iconografia, matérias e técnicas, aspectos sociais, autoria e atribuições. Além das apresentações, um fato importante foi a realização de debates com os participantes após cada sessão, promovendo a efetivação do intercâmbio entre os presentes.

O grupo da UFES promoveu algumas atividades paralelas ao congresso: uma exposição de arte sacra, no Núcleo de Conservação e Restauração, com apresentação do grupo de música, Camerata do Espírito Santo, e coquetel no pátio central do Cemuni I, do Centro de Artes e outra, *Eterna coeli gloria*, no Espaço Universitário, com obras de artistas contemporâneos sobre temas religiosos. No sábado, depois do encerramento do congresso, houve a programada visita técnica ao conjunto do Reis Magos (capela, residência dos jesuitas e praça, que datam, segundo Serafim Leite, de 1580) em Nova Almeida, na Serra. Após o almoço, o grupo, de 70 pessoas, visitou o Convento da Penha em Vila Velha, importante patrimônio do estado do Espírito Santo, fundado em 1558, por frei Pedro Palácios.

Durante o congresso, como estava previsto, o Ceib realizou sua Assembléia Geral, quando foi feita uma avaliação do congresso e decidido o local do VI Congresso do Ceib, tendo o grupo do Rio de Janeiro, que pertence à várias instituições, se prontificado a organizar o congresso no Rio, possivelmente em Paraty.

Durante o congresso, houve um simpático jantar de confraternização e no sábado, um almoço em Nova Almeida, com todos os participantes da visita técnica.

O Centro de Estudos da Imaginária Brasileira agradece e parabeniza o grupo da UFES e a todas as instituições e empresas que apoiaram o V Congresso do Ceib.

DOAÇÕES

O Ceib recebeu doação de um exemplar da reedição ilustrada do volume décimo e último do "Santuário Mariano e história das Imagens milagrosas de Nossa Senhora", de autoria do Frei Agostinho de Santa Maria, publicado em Lisboa, em 1723 e reeditado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) do Rio de Janeiro, em 2007, com imagens de Nossa Senhora no estado do Rio de Janeiro. Além desse exemplar, o Inepac doou, mais 24 exemplares para venda em prol do Ceib, sendo todos vendidos durante o congresso.

Foram feitas outras doações de livros, revistas e catálogos cuja lista será publicada no próximo número.

CEIB

Presidente de Honra:

Myriam A. Ribeiro de Oliveira

Presidente:

Beatriz Coelho

Vice-Presidente:

Maria Regina Emery Quites

1ª Secretária:

Ieda Faria Hadad Vianna

2ª Secretária:

Elayne Granado Lara

1º Tesoureiro:

Mário Anacleto de Sousa Júnior

2º Tesoureira:

Carolina Maria Proença Nardi

Estagiária

Giselle Cristina Guimarães

ENDEREÇO

Escola de Belas Artes da UFMG

Bloco D, 2º andar

Av. Antônio Carlos, 6.627

31.270-010 Belo Horizonte, MG

ceib@ceib.org.br

www.ceib.org.br

BOLETIM

ISSN: 1806-2237

Projeto gráfico, arte e editoração

Beatriz Coelho e Helena David

Tiragem 500 exemplares

Periodicidade: quadrimestral

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do BOLETIM DO CEIB.

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.